



COMPETÊNCIA DESCRITIVA: HABILIDADE A SER DESENVOLVIDA

Vânia Cristina de Oliveira – PUC/SP ¹

RESUMO: Este artigo se propõe a pensar a necessidade do desenvolvimento da competência descritiva para a produção textual. Apoiar-se nos estudos de Marquesi sobre o Descritivo (2004; 2012); bem como a produção textual e suas competências em Koch (2013); Koch e Elias (2012); Coutinho (2003); Beaugrande (1997); Marcuschi (2008) e Travaglia (2014, no prelo). Considera-se que a competência descritiva envolve um conjunto de habilidades de criação e recriação, de síntese e de análise, de atividade conjunta e refletida perante a construção de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Texto, competência descritiva, categoria do descritivo.

ABSTRACT: This article proposes to think about the need to develop the descriptive power to the textual production. It is based on studies of Marquesi on the Description (2004; 2012); as well as text production and its expertise in Koch (2013); Koch and Elias (2012); Coutinho (2003); Beaugrande (1997); Marcuschi (2008) and Travaglia (2014, in press). It considers that the descriptive competence involves a set of creation and recreation skills, synthesis and analysis, joint and reflected Issues before the construction of texts.

KEYWORDS: Text, discursive competence, descriptive category.

Introdução

¹ Mestranda da PUC/SP – e-mail: vaniaoliveira@hotmail.com

A temática sobre a qual nos propomos debruçar neste artigo diz respeito a necessidade de se desenvolver uma habilidade específica: a competência descritiva.

Percebe-se que escrever exige o conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua materna, a que chamamos conhecimento linguístico. Há, também, na escrita a ativação de conhecimentos enciclopédicos, de textos (temos competência para distinguir os diferentes tipos textuais que apresentam esquemas globais peculiares) e conhecimentos interacionais. Aprendemos a dar nomes às coisas, isso é descrição. Mas é suficiente? Será que a produção escrita não requer também uma competência descritiva?

O suporte teórico-metodológico apoia-se na abordagem da Linguística Textual, seguindo a categoria do descritivo em Marquesi e seus estudos sobre o Descritivo (2004; 2012); bem como a produção textual e suas competências em Koch (2013); Koch e Elias (2012); Coutinho (2003); Beaugrande (1997); Marcuschi (2008) e Travaglia (2014, no prelo).

De modo específico, procuraremos descrever e refletir, com a utilização das categorias do descritivo em Marquesi (2004), as estratégias de produção textual, acenando para um conjunto de habilidades necessárias para o desenvolvimento da competência descritiva, ou seja, habilidade de síntese, quando designa o todo tematizado por partes, ou quando se expande por blocos de um texto.

O artigo será organizado em duas seções. Na primeira, a fundamentação teórica sobre o que é texto e competência descritiva, e na segunda, uma proposta de reflexão sobre como podemos corresponder à capacidade de organização de textos escritos, reconhecendo que cada tipo de texto tem sua superestrutura.

Texto e competência descritiva

O texto é uma atividade consciente e organizada a partir de um contexto sócio-interacional. Atualmente, essa definição corresponde aos estudos da Linguística Textual. Conforme Beugrande (1997, p.10), o texto é “um evento comunicativo para o qual ações linguísticas, cognitivas e sociais convergem, e não apenas como uma sequência de palavras que foram expressas ou escritas”.

A afirmação acima é postulada pelos estudos de Koch (2013), quando a autora reconhece que há uma necessidade de se aprofundar, de se recorrer a vários sistemas de conhecimento para verificar o implícito de um texto, ou seja, dele extrair um sentido. Qualquer que seja a situação comunicativa, o sentido de um texto, não depende tão

somente da estrutura textual em si mesma. Por isso, Koch (2013, p.30) utiliza-se da metáfora do *iceberg*, quando diz que “todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área subjacente”.

Mobilizar uma série de estratégias no exercício da linguagem e da escrita não é fácil, por isso, em Koch (2012), encontramos que o texto é um processo em constante construção. Poderíamos dizer que isto implica compor um conjunto de pistas sinalizadoras para a construção de sentidos possíveis, na relação produtor e leitor/intérprete.

No momento da produção, o autor/produtor manifesta a sua singularidade, quando segue seus propósitos comunicativos e faz a escolha do gênero discursivo. Para Koch (2012), esse processamento acaba por expor as marcas linguísticas no texto, a fim de fortalecer ou reforçar a sua intenção comunicativa. Dessa forma, se evitará um desvio de interpretação em relação às expectativas de compreensão pretendida e compreendemos que os textos realmente gerenciam a humanidade. Koch (2013) postula, ainda, que no processo de interação, não apenas permanecemos na manifestação verbal e suas características, mas ativamos processos e estratégias de acordo com práticas socioculturais.

Outro estudioso que trata dessa tessitura conceitual de texto é Marcuschi (2008). Para o autor,

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato socio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo (p.72).

Essa explanação nos faz pensar num projeto de dizer, tanto para o texto oral quanto para o escrito.

O mesmo autor utiliza-se de uma metáfora ou imagem para explicar a perspectiva enunciativa de um texto, para caracterizar a produção textual como uma atividade sociointerativa. Segundo Marcuschi (2008, p.77), “produzir um texto assemelha-se a jogar um jogo. [...] A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas”. A ideia anterior é reforçada pelo mesmo autor quando comenta que, para se produzir um texto, é preciso se decidir por uma escolha.

Nesta altura, cabe-nos trazer a definição de texto, assumida como *texto-em-situação*, para Coutinho (2003). Assim,

Quer isto dizer que a questão da estruturalidade ultrapassa largamente a mera segmentação de unidades. Trata-se, sobretudo de um trabalho de estruturação e

segundo o qual as unidades se delimitam reciprocamente e se ordenam entre si – em função de critérios que são, como já disse, de ordem cognitiva e comunicacional. Por outras palavras, uma unidade não se constitui pelo fato de ser segmentável: é segmentável pelo contrário, na medida em que se constitui como unidade temática e funcional (p.54).

Tais pressupostos nos fazem pensar que nós escrevemos não só para o outro, mas, também com o outro.

Uma outra contribuição para entendermos o conceito de texto, advém dos estudos de Marquesi (2004). Para a autora, há um fio condutor que dá sentido geral ao texto, que resulta em uma tematização do que será descrito. E, com esse enfoque, entraremos na conceituação de competência descritiva. Marquesi (2004) aborda a questão da competência a partir da definição de saber-fazer e, prossegue:

Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir uma descrição coerente de um aglomerado incoerente de palavras e/ou de orações, sendo, por isso, capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, ou ainda, de produzir um texto partindo de um dado título, além de saber se o texto será completo ou interrompido (p. 93).

Com base na sua exposição, chegamos a duas habilidades inerentes a competência descritiva: uma de síntese e outra de análise. A primeira refere-se a habilidade de designar o todo ou a atribuição de título a um texto; e, a segunda, a habilidade de designar o todo tematizado por partes ou expandi-lo por blocos de texto.

Defendendo que o descritivo é um enunciado que expande uma designação cuja estruturação é caracterizada pela fórmula x é y , em que x está para designação e y para expansão, Marquesi (2004) apresenta o ‘descritivo’ num fio condutor do texto que pode ser visto por condensação (designação) ou por expansão (definição e individuação). Assim, a autora propõe:

- a categoria de designação compreende nomear, indicar, dar a conhecer, para se determinar e qualificar certas marcas do objeto designado;
- a categoria de definição compreende enunciar os atributos essenciais e específicos do que é descrito;
- a categoria da individuação compreende distinguir, particularizar, indicando o que faz com que um ser possua não apenas um tipo específico, mas uma existência singular, determinada no tempo e no espaço.

Marquesi (2004, p.114) propõe, então, o seguinte quadro:

Por fim, a autora enfatiza que “a competência textual [...] é antes uma capacidade de criação e recriação, susceptível de ser trabalhada e desenvolvida” (p. 346-347). Notamos que a visão sócio-cognitiva interacional perpassa as abordagens apresentadas sobre a competência descritiva.

Para Travaglia (2014), o descritivo entra na composição de vários gêneros, mas se constata que nem sempre assume uma posição de destaque, ou seja, de domínio no texto estudado. Uma das quatro naturezas distintas de texto (tipo, subtipo, gênero e espécie) por ele citadas, classifica o texto descritivo no tipo (tipologia 1) de seus estudos. Nesta classificação também fazem parte os textos dissertativo, injuntivo e narrativo.

O texto descritivo juntamente com os outros já citados, se apresenta pela “perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer (aquilo de que fala) quanto ao fazer/acontecer ou quanto ao conhecer/saber e sua inserção no tempo e/ou no espaço ou não” (TRAVAGLIA, 2014, p. 4).

Novamente recorrendo a Travaglia (2014, p. 4), os tipos de texto citados possuem “habilidades linguístico-discursivas básicas, fundamentais, que todos precisam dominar para construir, compor textos”. Interessante observarmos que no caso do descritivo, a finalidade apresentada, de acordo com Travaglia (2014), é da parte do enunciador o dizer como é, o que se quer é caracterizar.

Após esta explanação reorganizamos que já não podemos esperar apenas objetos de descrição em diferentes textos, ou descrever suas características, mas uma competência descritiva implica muito mais.

Uma proposta de reflexão

Ao ler e reler os apontamentos de diversos estudiosos sobre o assunto, permanece uma indagação que é intrigante: como desenvolver a competência descritiva?

COMPETÊNCIA DESCRITIVA

HABILIDADE a ser desenvolvida

Coutinho (2003)

• capacidade de criação e recriação

Marquesi (2004)

• capacidade de síntese e de análise

Marcuschi (2004)

• atividade conjunta / jogo

Koch (2012)

• texto em constante construção

Travaglia (2014)

• construir e compor textos

O quadro acima nos faz retomar a ideia de que só é possível pensar na competência descritiva quando somamos estratégias num processo de constante interação, ou seja, é preciso estar sempre dialogando texto e contexto.

Retomamos uma noção trazida pelos estudos de Marquesi (2004) sobre a necessidade de saber-fazer, uma vez que “todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir uma descrição coerente de um aglomerado incoerente de palavras e/ou de orações” (p. 93), por exemplo. Isto é interessante e credível para uma ação educativa eficiente e eficaz.

Tal reflexão pode corroborar para uma nova visão sócio-cognitiva interacionista sobre a produção do texto e, conseqüentemente, para a capacidade de, diante dele, extrairmos a ideia principal, de resumi-lo com coerência, de fazermos ligações ou *links* com demais assuntos e, sobretudo, de desenvolvermos habilidades que nos capacite para ir além da descrição na produção escrita.

Ler e reler abre os nossos horizontes, mas escrever e reescrever também. Didaticamente fazemos esta separação, mas de forma implícita, estão interligadas. Fatores cognitivos e não cognitivos estão envolvidos, um conjunto de comportamentos, atitudes, *mindset* (como formulamos o pensamento) e personalidade do escritor/leitor. Pensar nesta composição para o desenvolvimento da competência descritiva é reconhecermos que tal engloba um conjunto de habilidades: capacidade de criação e recriação, de síntese e de análise, de desenvolvimento de uma atividade conjunta, de construção e composição de textos num processo permanente de interação.

Quando nos deparamos com os mais diferentes textos, identificamos neles, comumente, os tipos e gêneros. O descritivo nem sempre assume uma posição de destaque, já sinalizado por Travaglia (2014). Por isso, Marquesi (2004) traz o conceito do descritivo num fio condutor do texto, perceptível por condensação (designação) ou por expansão (definição e individuação).

Por ser o texto construído de partes, o descritivo é, para Marquesi (2004), considerado como um tipo de texto ultrapassando a relação entre descritor e descritário e, também, a de somente ser auxiliar da narração. Esta postura sinaliza a diferença entre o termo descritivo que designa o tipo de texto e o termo descrição, no que se refere às suas

diferentes manifestações. Poderíamos dizer o descritivo, como processo, ou a descrição, como produto; ambos têm papel importante na análise do texto escrito.

A categoria da *designação*, para a autora, implica *dar nome a*, nomear; portanto, condensa num recorte lexical um conjunto sêmico. A categoria da *definição* refere-se a um conjunto de predicções que expandem um saber partilhado. A categoria da *individuação* refere-se à especificação do que se descreve. Desse modo, a autora (Marquesi, 2004) reconhece que há uma superestrutura do descritivo, colocando-o na tipologia de texto, hipótese que fez a autora descrevê-lo nas três categorias apresentadas: da designação, da definição e da individuação. Também se constata que o texto descritivo se expande por blocos, com descrições de partes relacionadas que possui um fio condutor.

Perante um texto escrito, Marquesi (2012) ressalta que a capacidade de relacionar as questões de sequência e aspectos gramaticais permitirá que o escritor, por meio do descritivo, utilizando-se de substantivos, adjetivos, advérbios e construções sintáticas, construa a sua opinião sobre o tema a ser discutido.

Pensar o desenvolvimento de habilidades para a competência descritiva nos desafia a pensar juntos os saberes acadêmico e escolar. Digo isso porque hoje existe, ainda mais, facilidade de acesso a inúmeros dados, e cria-se a ilusão de ter o potencial de acervos de dados, mas não sabemos como instrumentalizar, aplicar, produzir conhecimento. Deixamos em grande medida a leitura dos livros. Há cidadãos leitores dos livros e outros que são categorizados em cidadãos instantâneos, que permanecem na síntese da síntese.

No processo de reflexão e exercício da produção escrita, faz-se necessário um triplé: intervenção, diagnóstico e análise. Agindo desta forma, não faremos apenas uma transposição de dados e conceitos, mas consideraremos que a construção do saber acontece a partir da relação sujeito-objeto-sujeito. Também implica a forma de organizar e trabalhar os conteúdos disponíveis no universo acadêmico e escolar.

A explanação acima nos faz retomar a definição de Marcuschi (2008, p.72), que diz ser o “texto uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo”. Entendemos, portanto, que uma competência descritiva bem desenvolvida é capaz de somar estratégias num processo de interação constante.

Entender essa estrutura permite-nos constatar que essa organização é que nos faz reconhecer que nos encontramos diante de um *texto e não de um amontoado de frases*. O sentido do texto ou o seu entendimento está, portanto, vinculado à possibilidade encadeada de sequências básicas que foram identificadas pelo próprio plano de texto (estrutura

composicional) relacionando à sua textura, à segmentação de proposições e de períodos, entre outros.

Até aqui deixamos subtendido que o termo competência refere-se à capacidade de mobilizar conhecimentos numa área específica (em nosso caso, na Linguística Textual) e agir de modo pertinente com esse saber. Poderíamos nos perguntar: a competência descritiva está ligada a habilidade do escritor/leitor para identificar, nomear ou qualificar algo/alguma coisa? Diria que esses conceitos estão relacionados. A habilidade é conseguir pôr em prática as teorias e conceitos mentais que foram adquiridos, enquanto a competência é mais ampla e consiste na junção e coordenação de conhecimentos, atitudes e habilidades.

Outro fator interessante a esta reflexão é sobre a “competência discursiva”, não como objeto de estudo deste artigo, mas aceno singular para ampliar a compreensão do papel do descritivo também nas relações estabelecidas entre os indivíduos da língua materna. A competência discursiva, ou, adotaremos dizer competência na comunicação e para a comunicação, reflete o reconhecimento de várias habilidades e competências, incluindo a competência descritiva.

Quanto mais se escreve, mais se aprende. Quanto mais se lê, mais se amplia o universo do saber. Quanto maior a capacidade de criação/recriação, maior a capacidade de síntese e de análise. Quanto maior o manejo do texto, maior a competência. Acreditamos, enfim, haver inúmeras considerações sobre o desenvolvimento da competência descritiva.

Este artigo se propôs a pensar a necessidade da competência descritiva para a produção escrita. Consideramos haver outras inúmeras considerações sobre o assunto, portanto, permanece a possibilidade de futuras reflexões sobre o tema, agregando os saberes advindos da Linguística Textual (LT) e também da Análise Textual do Discurso (ATD).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.
- COUTINHO, M. A. *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *O texto e a construção de sentidos*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARQUESI, S. C. *A Organização do texto descritivo*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____. *Sequências textuais descritivas em textos opinativos: reflexões para o ensino*. In: Mesa Redonda: Texto, Gramática e Ensino de Língua Portuguesa. Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português (IP-PUC/SP). 26 a 28 de abril de 2012, p.1-49.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- TRAVAGLIA, L. C. *Tipologia textual e ensino da língua*. A ser publicado como capítulo do livro *Linguística Textual e Análise da conversação (GTLAC)* da ANPOLL. Uberlândia; ILEEL / Universidade Federal de Uberlândia. Cópia de inédito, outubro de 2014, 42 p. *No prelo*.